



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

LUCIANA FERREIRA RODRIGUES

**A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE
TEXTOS LITERÁRIOS**

Brasília – DF, 14 de dezembro de 2015.

RODRIGUES, Luciana Ferreira

**A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE
TEXTOS LITERÁRIOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob orientação da professora Doutora Norma Lúcia Neris Queiroz.

Brasília – DF, 14 de dezembro de 2015.

FICHA CATALOGRÁFICA

RODRIGUES, Luciana Ferreira. A leitura na educação infantil a partir de textos literários. Brasília DF, dezembro de 2015. 63 páginas, Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. FE/UnB-UAB

Luciana Ferreira Rodrigues

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação - FE, Universidade de Brasília–UnB/Universidade Aberta do Brasil, sob orientação da prof.^a Dra. Norma Lucia Neris de Queiroz.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Norma Lucia Neris de Queiroz (Orientadora)
Secretaria de Educação – SEEDF/Universidade Aberta do Brasil – UAB/UnB

Professora Neuza Maria Deconto (Examinadora)
Secretaria de Educação – SEEDF/Universidade Aberta do Brasil – UAB/UnB

Professora Sandra Regina Santana Costa (Examinadora)
Secretaria de Educação – SEEDF/Universidade Aberta do Brasil – UAB/UnB

Brasília – DF, 14 de dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Yago e Carlos Frederico e ao meu esposo Gilmar, que são minha razão de viver e minha motivação para lutar e buscar algo maior em termos pessoais e profissionais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, presença incontestável e demonstração de amor gratuito e infinito.

Ao meu esposo Gilmar, pela paciência e compreensão em minhas ausências e pelo exemplo de otimismo e confiança depositados em mim.

Aos meus filhos, por tolerarem os períodos de ausência e falta de paciência para ouvi-los e acompanhá-los nos momentos importantes de suas vidas, principalmente ao Carlos Frederico que tanto necessita de mim, por ser especial.

RESUMO

O presente estudo de pesquisa buscou discutir o ofício de ser professora, suas vantagens e possibilidades, bem como a compreensão dos graves problemas comuns na vida dos professores e que se devem quase na sua totalidade na falta investimentos da educação, tais como infraestrutura, ou seja, prédios confortáveis, mobiliários adequados e suficientes, livros, laboratórios de informática e muitas outras carências da escola que servem para provar a falta de respeito dos governantes pelo povo e a falta de compromisso com o desenvolvimento dos alunos. Os objetivos definidos aqui foram analisar a prática docente das professoras da educação infantil da rede pública municipal de Mozarlândia investigando o trabalho pedagógico desenvolvido no que tange a leitura para as crianças da educação infantil, verificando os procedimentos metodológicos utilizados e qual a importância dada a leitura de textos literários pela equipe gestora e pelas professoras no processo de ensino-aprendizagem da leitura. Para fundamentar a análise de dados, trabalhamos no referencial teórico os seguintes autores: Zilberman (1984), Abramovich (1989), Souza (1992), Oliveira (1993), Martins (1994), Sandroni e Machado (2000), Bettelheim (2002) e Vygotsky (2002), discutindo a história da literatura infantil primeiramente na Europa e depois no Brasil, dando ênfase ao protagonismo de Monteiro Lobato. Fez-se, ainda, uma leitura dos processos de alfabetização e letramento, ressaltando seus conceitos. O trabalho de pesquisa constou de um levantamento de dados feitos por meio de questionário. Esse questionário foi respondido por quatro professoras que trabalham com a educação infantil e a análise das respostas das docentes permitiu inferir que a leitura de textos literários é comum na prática pedagógica de todas as professoras pesquisadas, sendo que ambas possuem conhecimentos teóricos sobre a importância do trabalho com a leitura de textos literários, citando suas vantagens e contribuições para o desenvolvimento das crianças. Ficou patente ainda que são trabalhados diversos gêneros de textos literários na escola e que as limitações do acervo disponível na unidade escolar não impedem o trabalho, pois as professoras buscam outras fontes e recursos para que a leitura de textos literários efetivamente faça parte de suas atividades pedagógicas cotidianas.

Palavras chave: Texto literário, leitura, aprendizagem, educação infantil.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pergunta 1.0.....	49
Quadro 2: Pergunta 1.1.....	49
Quadro 3: Pergunta 1.2.....	50
Quadro 4: Pergunta 1.3.....	50
Quadro 5: Pergunta 1.4.....	50
Quadro 6: Pergunta 1.5.....	51
Quadro 7: Pergunta 1.6.....	51
Quadro 8: Pergunta 1.7.....	51

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	05
AGRADECIMENTOS	06
RESUMO	07
LISTA DE QUADROS	08
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	11
1.1 – Trajetória Estudantil.....	11
1.2 – Relação acadêmica.....	13
PARTE II – TRABALHO MONOGRÁFICO	15
Introdução.....	15
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	20
1.1 – BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	20
1.1.1 – Texto literário e não literário.....	20
1.1.2 – Breve histórico da literatura infantil.....	21
1.1.3 – A literatura infantil no Brasil.....	26
1.1.4 – Primeira fase: Final do século XIX até 1920.....	26
1.1.5 – Segunda fase: 1920 até 1945.....	28
1.1.6 – Terceira fase: as décadas de 1950 e 1960.....	28
1.1.7 – Quarta fase: 1970 até 1980.....	29
1.2 - A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	31
1.2.1 – Conceito de aprendizagem.....	31
1.2.2 – Aprendizagem da leitura e da escrita.....	32
1.2.3 – O conceito de leitura.....	33
1.2.4 – O conceito de escrita.....	35
1.2.5 – Alfabetização.....	35
1.2.6 – Alfabetização e letramento.....	37
1.3 – IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.....	40

1.3.1 – A importância de ouvir histórias.....	40
1.3.2 – A literatura infantil e o ensino da leitura.....	41
1.3.3 – A literatura infantil e os estágios de aprendizagem da leitura.....	42
1.3.3.1 – Pré-leitor.....	43
1.3.3.2 – Leitor iniciante.....	43
1.3.3.3 – Leitor em processo.....	43
1.3.3.4 – Leitor fluente.....	44
1.3.3.4 – Leitor crítico.....	44
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	46
2.1 – Contexto da pesquisa.....	46
2.2 – Participantes.....	47
2.3 – Instrumentos de coleta de dados.....	47
2.4 – Procedimentos de coleta de dados.....	48
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	57
APÊNDICES.....	59
Apêndice A: Questionário para as professoras.....	59
Apêndice B: apresentação.....	62
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e esclarecido – TCLE.....	63

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

O presente memorial é uma releitura da minha trajetória acadêmica. É importante e necessário ponderar que a formação em pedagogia é um passo importante para minha vida, quer seja no plano pessoal, quer seja no aspecto profissional.

O processo de formação vivenciado ao longo dos anos de graduação acadêmica em pedagogia permitiu, por meio de estudos teóricos e práticos, assim como na combinação da teoria e da prática reflexões críticas acerca do que é a educação, seus pressupostos, assim como possibilitou uma visão mais ampla da realidade educacional do país, seus muitos e graves problemas, bem como despertou o interesse em usar os conhecimentos adquiridos em favor das novas gerações, contribuindo para a sua melhor formação e para a construção de uma sociedade melhor e mais justa.

A Pedagogia abrange todo o universo de formação do ser humano, mas de forma mais breve pode-se dizer que ela é a ciência que contribui para o desenvolvimento das capacidades intelectuais, sociais, cognitivas e morais do ser humano, dentro de um processo amplo de formação integral da pessoa, sendo assim, o alicerce que dá suporte para a construção qualitativa do processo ensino aprendizagem em seus diversos segmentos da vida humana.

1.1 – Trajetória estudantil

Sou nome é Luciana Ferreira Rodrigues, tenho 40 anos de idade, sou natural de Mara Rosa, no interior de Goiás. Baseada nas lembranças que tenho, posso dizer Minha infância foi ótima.

Morei com minha avó desde os cinco anos de idade em um apartamento em Goiânia. Todas as tardes eu descia para brincar com minhas vizinhas de apartamento numa pracinha que ficava ao lado do prédio onde morávamos.

Posso dizer que minha vida começou aos seis anos de idade, quando fui adotada por um casal, portanto não tenho fotos de quando nasci. Tenho apenas uma foto de minha infância aos seis anos que guardo com carinho, embora não goste de fazer fotos, gosto mais de apreciá-las.

O fato de ser adotada não prejudicou minha infância e nela vivi muitos momentos de grande alegria e felicidade, pois fui muito bem aceita e recebi muito amor e carinho por parte da família que me acolheu.

Fui alfabetizada em casa por uma tia que na época era professora e aos sete anos ingressei na escola Salesiano, no setor Vila Nova, em Goiânia, onde cursei da 1.^a até a 5.^a série.

A escola dividia o espaço com uma Igreja Católica e era dirigida por padres. Quando chegávamos para as aulas, todos tinham que fazer fila para entrar na sala. A fila era organizada pelo tamanho dos alunos, maiores atrás, menores na frente, meninos numa fila, meninas na outra. Antes da aula tinha o momento da “reza”, que era como nos chamávamos o momento da oração. Todos os dias a rotina se repetia, primeiro tinha o momento da oração e só depois deste momento que começavam as atividades.

Era uma sala multisseriada e imagino que em razão disso os conteúdos não eram bem repassados e a qualidade do ensino deixava a desejar, pois a professora não tinha o tempo necessário para dedicar-se a uma série específica e em alguns momentos aquela sala parecia uma verdadeira “Torre de Babel”, dada a multiplicidade de alunos, turmas e conteúdos. E hoje, abalizada pelos conhecimentos adquiridos da graduação, compreendo que é extremamente difícil para um educador conseguir trabalhar com muitas séries e alunos de vários níveis em uma só sala.

A turma não era tão grande, pois o número de alunos variava entre 15 e 18 alunos, mas havia diversos níveis de aprendizagem. A merenda escolar era maravilhosa, feita por uma mulher que morava nos fundos da escola, a qual todos os alunos chamavam de “tia Rosa”.

O recreio era quase sempre livre. Nós corríamos, brincávamos de jogar bola, mas muitas vezes, por ordem de minha avó, eu não tinha recreio, porque tinha dificuldade para aprender a tabuada. Do Salesiano, fui para o Lyceu de Goiânia, onde fiz a 6.^a série e acabei parando de estudar antes de concluir o ensino fundamental para me dedicar ao trabalho, ter uma renda e depender menos da minha avó, principalmente no aspecto financeiro.

Em 1999, aos 24 anos, eu me casei e constitui família. Tenho um filho de quatorze anos que se chama Yago e um filho adotivo, o Carlos Frederico, de 35 anos. Ainda morando em Goiânia eu trabalhava como babá de Carlos Frederico e quando me mudei para Mozarlândia e me casei acabei adotando-o como filho e cuido dele até hoje. O Fred, como nós o chamamos carinhosamente não enxerga e não fala, só escuta.

Já morando em Mozarlândia, cidade do interior de Goiás, resolvi retomar os estudos e fiz o chamado “provão”, que na verdade é um exame de classificação que habilitava alunos que estavam fora da escola há muitos anos a ingressar no ensino médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Cursei o ensino médio no Colégio Estadual Costa e Silva. O curso teve duração de dois anos e conclui em 2010.

Dias antes de terminarem as aulas do último semestre do ensino médio prestei vestibular para cursar Pedagogia em um projeto especial de formação da UAB – Universidade Aberta do Brasil com a chancela da UnB – Universidade de Brasília e tive a felicidade de ser aprovada.

1.2 – Relação acadêmica

A minha maior motivação para cursar Pedagogia foi o fato da UnB ser uma das mais conceituadas/respeitadas universidades do país. Fiz uma boa prova e fui aprovada e mergulhei de cabeça neste novo projeto pessoal. Todavia, parece que quando iniciei não estava muito preparada para ingressar no ensino superior e menos ainda em se tratando do curso de Pedagogia, que não era o que eu pensava em fazer. Cheguei a ter uma boa dose de medo no início, mas encarei o desafio com garra, otimismo e força de vontade e hoje amadurecida por todas as ricas experiências e conhecimentos propiciados pelo curso espero conseguir chegar até o final com êxito.

O curso de Pedagogia abrange todo o universo do ser humano, mas podemos resumidamente dizer que ela é a ciência que contribui para o desenvolvimento da capacidade humana, sendo assim o alicerce que dá suporte para a construção qualitativa do processo ensino aprendizagem em seus diversos segmentos da vida humana. Esse é um conceito simples e formulado de acordo com a experiência da prática educativa e também de acordo com as leituras feitas, porém ditas de forma simples e informal, sendo assim o Parecer e a Resolução definem a base docente como indispensável na definição curricular. É importante despertar a imaginação e a criatividade por meio de formas e instrumentos didáticos trabalhados em sala de aula, sem interferir no seu modo de falar, mas mostrando a eles a fala e a escrita correta, respeitando a sua língua falada no dia a dia.

O curso teve início em 2011, no começo tudo era novidade e parecia muito difícil. A adaptação ao modelo de estudo a distância, as viagens para participar das aulas no polo, os gastos financeiros pareciam barreiras intransponíveis, mas aos poucos tudo foi se ajeitando, comecei a gostar do curso, a me acostumar com as rotinas de estudo, com os acessos à plataforma. Fui gostando e acabou sendo uma das mais importantes e ricas experiências da minha vida.

No primeiro ano, as disciplinas Educação a Distância, Teorias da Educação assim como Projeto 1 e Projeto 2 lançaram as bases de uma formação que ao longo dos outros anos do curso se tornaria cada vez mais sólida e consistente.

Ao longo de todo o curso, estudei uma série de conteúdos de disciplinas importantes que me deram uma visão muito maior e mais crítica sobre a educação. Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação foram disciplinas que permitiram estudos muito importantes. O estudo dessas disciplinas me fez entender o que é de verdade a educação, e que educação é algo muito maior e mais importante do que eu de forma leiga e ingênua pensava. As disciplinas de Planejamento Educacional e Políticas Públicas de Educação possibilitaram ver a educação como prática social e política, carregada de intencionalidades e perpassada por uma série de ideologias.

O desenvolvimento do curso e a consolidação da sua grade curricular trouxeram acréscimos valiosos sobre Educação Especial Inclusiva, a educação infantil e a importância de se trabalhar de forma lúdica com os alunos dessa fase da escolarização.

Finalmente, faço referência ao Estágio Supervisionado, espaço de consolidação do binômio teoria/prática. Foi de extrema importância ver a realidade da educação, fazer parte dela, conhecer suas mazelas, a falta de recursos, a falta de uma infraestrutura que atendesse às crianças com o mínimo de conforto e garantisse aos profissionais, condições dignas de trabalho. Foi o choque de realidade com o estágio supervisionado que me fez ficar ainda mais apaixonada pela educação, pois mesmo diante de todas as dificuldades e a falta das condições mínimas para alunos e professoras ainda se faz muito. Como é gratificante perceber que mesmo diante de todas as dificuldades é possível contribuir para a formação das crianças, um dia reconhecem uma cor, outro dia uma letra, uma sílaba, uma palavra, um texto, resolvem um problema, fazem um cálculo e chegam a um resultado exato, enfim, o universo de conquistas na sala de aulas é infinito e contribuir para que cada uma delas aconteça justifica enfrentar todas as dificuldades e dá sentido verdadeiro para o título de pedagogo e para a missão nobre de ensinar, de ser professora.

PARTE II

TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

O ato de ler é uma das atividades mais prazerosas que o ser humano conhece. Por meio da leitura, o leitor pode viajar de um lugar para o outro, transitar entre o real e o imaginário, rir, se emocionar, conhecer, aprender, descobrir, enfim, a leitura é uma atividade que estimula a aprendizagem e que além desse benefício informa, diverte e educa. No bojo de todas essas características positivas e de todas essas vantagens o trabalho com leitura deve ser constante em sala de aulas desde os primeiros anos da escolarização, principalmente, na educação infantil, na qual o trabalho com textos literários pode ser um facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita, assim como pode, pelo encanto despertar nos pequenos ouvintes um futuro leitor.

Diversos textos da literatura infantil transmitem uma visão cultural da humanidade, estabelecendo uma relação entre o homem e a natureza, estimulando a fantasia. Mesmo com as tecnologias existentes para o entretenimento, como computadores, vídeo, cinema ainda é necessário trabalhar o contar histórias como um ato lúdico de interação entre o contador e o ouvinte. Contar história é uma das formas mais usadas de comunicação e estabelece vínculos entre a criança e o texto, mesmo que ela não o decodifique, envolvendo-a na magia e na beleza de ouvir e fantasiar, criar e descobrir a beleza e os prazeres e encantos que um texto literário pode dar.

Por todas as razões o presente trabalho aborda o tema a leitura na educação infantil a partir de textos literários. O esforço de leitura e pesquisa permitiu a construção deste trabalho que mesmo sem a pretensão se esgotar o assunto ou ser um tratado definitivo sobre ele buscar trazer contribuições importantes para a escola, para os professores, para os alunos e para a comunidade onde a pesquisa foi realizada.

A metodologia adotada foi o estudo de caso que se deu através de um levantamento. Essa é uma modalidade de pesquisa de cunho qualitativo e usou como instrumento de coleta de informações o questionário. Foram pesquisadas quatro professoras de uma escola de educação infantil de rede pública do município de Mozarlândia – GO.

As pesquisas mostram que quem começa a ler cedo tem mais chances de se tornar um leitor assíduo. Mostram também que o contato com narrativas melhora o futuro desempenho da

criança. Por esse motivo o tema deste trabalho é “A LEITURA A PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”.

Quando falamos em leitura parece que estamos nos referindo a algo subjetivo, no entanto uma das características da leitura é que ela permite ao indivíduo ter acesso a informações e ao conhecimento produzido no mundo. De acordo com Freire (2006), o indivíduo, antes de adquirir a leitura da palavra, já tem a leitura do mundo, mas esta só se completa e se descortina ao sujeito se este tem o domínio da palavra.

A leitura é um processo de apreensão/compreensão de algum tipo de informação armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem. O código pode ser visual, auditivo e inclusive tátil, como o sistema Braile. Convém destacar que nem todos os tipos de leitura se apoiam na linguagem. A mecânica da leitura implica a ativação de vários processos. A fisiologia já que a leitura é uma atividade neurológica, permite compreender a capacidade humana de leitura do ponto de vista biológico, a psicologia por sua vez ajuda a conhecer o processo mental que se põe em funcionamento durante a leitura, tanto na descodificação de caracteres, símbolos e imagens como na associação da visualização com a palavra.

A educação constitui requisito básico para a formação do cidadão, possibilitando o crescimento e o desenvolvimento humano, com qualidade de vida e cidadania, tanto no plano individual quanto em escala coletiva. Constatase assim que é bastante complexa a situação da educação no Brasil, país com características regionais bastante heterogêneas no qual coexistem problemas típicos de sociedades subdesenvolvidas e de sociedade tecnológica.

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos.

A culminância desses fatores desencadeou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento às crianças de zero a seis anos fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) destaca também o direito da criança a este atendimento. Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB - 9.394/96), promulgada em 20 de dezembro de 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação, estabelecendo que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e em 2007, a educação infantil passou a atender às crianças de 0 a cinco anos de idade.

Uma das grandes preocupações dos professores especialmente da educação infantil é que esses professores dizem não caber a eles algumas tarefas, como por exemplo, os cuidados. Pais depositam nos professores expectativas grandiosas que muitas vezes não são correspondidas. No meio disso estão as crianças que necessitam receber, por parte da escola, um atendimento que satisfaça suas necessidades e os seus anseios ainda que pequenos.

O trabalho do professor da educação infantil é muito importante para a vida da criança, pois dele depende o futuro, se bem desempenhado ou não as consequências serão sentidas pelas crianças em primeiro lugar e depois pelas família e sociedade.

Em se tratando da leitura, tem sido comprovado em diversas pesquisas que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com acompanhamento de pais e professores, é beneficiada em diversos sentidos, pois essa aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor de forma geral.

Por meio da leitura, a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimento e valores, por isso o uso de literatura infantil na educação infantil é de grande benefício. A literatura infantil é uma arte e a ludicidade para se trabalhar os aspectos psicológicos e cognitivos da criança em seu desenvolvimento. Neste contexto, a literatura infantil tem um papel importantíssimo na vida da criança, possibilitando a oportunidade da criança vivenciar o imaginário.

A literatura infantil, e principalmente, as narrativas dos contos de fadas contribuem para que a criança possa externar a emoção viabilizada pelos sentimentos provocados pelo ato de ouvir histórias. A estrutura racional da criança permitirá conduzir suas assimilações para a construção do conhecimento.

Diante da grande importância da literatura infantil é importante analisar seu uso e a forma como ela é encarada pelas professoras da educação infantil, buscando compreender qual o embasamento teórico que os profissionais que atuam na educação infantil têm a seu respeito e quais as estratégias de trabalho que desenvolvem para que a leitura de textos literários contribua de forma efetiva para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Nesse particular escolheu-se uma escola de educação infantil da rede pública municipal de educação de Mozarlândia, Estado de Goiás, buscando conhecer a realidade do trabalho com textos

literários, apontando para educadores e pais a importância da leitura como uma das principais necessidades para o desenvolvimento do indivíduo e para o consciente exercício da cidadania.

Objetivo Geral:

- Analisar a prática docente das professoras da educação infantil de uma escola da rede pública municipal de Mozarlândia, investigando o trabalho desenvolvido com a leitura de textos literários em suas turmas.

Objetivos específicos:

- Identificar as estratégias pedagógicas utilizadas para o ensino-aprendizagem da leitura;
- Analisar se os textos literários são utilizados no processo ensino aprendizagem da leitura;
- Analisar a importância dada para a leitura de textos literários pelas professoras e equipe gestora da unidade escolar.

No primeiro capítulo fizemos um esforço em discutir a leitura, a partir de diversas dimensões: na primeira delas, discutimos a diferença entre o texto literário e o não-literário, buscamos apresentar os conceitos de leitura, escrita, alfabetização, letramento e a tendência mais moderna, que combina alfabetização e letramento como dois conceitos imbricados que se completam mutuamente.

Na segunda dimensão, trabalhamos o texto, como uma viagem pela história da literatura infantil, buscando sua origem na Europa do século XVII, passando pelos seus primórdios no Brasil, levando em conta a importante participação do escrito paulista Monteiro Lobato para o desenvolvimento de uma literatura infantil verdadeiramente brasileira e estudando de forma bem pormenorizada a evolução da história dessa literatura infantil brasileira ao longo dos tempos, até chegar aos autores mais modernos e as obras mais recentes de sua produção literária.

Na terceira dimensão, analisamos a importância da leitura para o desenvolvimento da criança, apontando a importância de ouvir histórias para o ensino da leitura e finalmente apresentam-se os estágios de aprendizagem da leitura.

O segundo capítulo aborda a Metodologia de pesquisa utilizada no presente estudo. Foram descritas as opções teórico-metodológicas, a abordagem e o método que norteia o caminho trilhado até a coleta de dados. Nesse percurso, optou-se pela abordagem de pesquisa

qualitativa e como instrumentos de coleta de dados, o questionário para as professoras e a observação participante em uma turma da educação infantil. O contexto pesquisado, os participantes e os procedimentos de coleta de dados também foram apresentados, buscando situar o leitor frente à realidade da pesquisa.

No terceiro e último capítulo, apresentamos os resultados e a discussão dos dados da pesquisa alicerçados pela fundamentação teórica apresentada, buscando ampliar nosso olhar sobre as práticas pedagógicas com a utilização de textos literários em turmas de educação infantil.

Ao realizar a pesquisa apoiamos na necessidade de ampliar o olhar dos professores sobre a importância da leitura, para que eles possam responder às indagações cada vez mais frequentes da sociedade atual sobre a leitura. Permitindo aos professores repensarem em sua atuação na sala de aula, com vistas nos interesses e saberes que as crianças felizmente insistem em construir independente de nossa vontade.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 – BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL NA EUROPA E NO BRASIL

Antes de discorrer sobre a história da literatura infantil e sobre a importância dos textos literários para a leitura na educação infantil, é pertinente e salutar discutir os dois conceitos ou duas categorias de texto: o texto não literário e o texto literário.

1.1.1 – Texto não literário e o literário

O texto não literário é uma categoria de texto construída com linguagem clara e objetiva e seu objetivo ou função principal, na grande maioria das vezes, é informar, esclarecer e explicar. Em razão desse objetivo ou dessa função informativa, artigos científicos, notícias e textos didáticos são exemplos bem comuns e usuais de textos não literários.

O texto não literário com frequência é considerado como texto informativo, o que verdadeiramente é uma de suas principais características e por essa razão uma de suas mais claras finalidades é ser útil ao leitor.

Em síntese, o texto literário pode ser compreendido como uma construção textual de acordo com as normas da literatura, possuindo objetivos e características próprias, dentre as quais se pode destacar a linguagem elaborada de forma a causar emoções no leitor.

O texto literário tem como uma de suas características mais importantes a sua função poética. É essa sua característica que o diferencia do texto não literário e lhe confere ritmo, musicalidade e organização específica das palavras. Outra característica marcante do texto literário é o elevado nível de criatividade que, em geral, esse tipo de texto apresenta.

Um texto literário se caracteriza por ser artístico, por ter uma função estética, por ter objetivo recreativo e pela sua capacidade de provocar diferentes emoções no leitor.

Não é sempre que os textos literários se vinculam à realidade e por vezes eles são subjetivos, dando a leitores diferentes, possibilidades distintas de interpretação.

O texto literário também se notabiliza por conter figuras de linguagem e pelo sentido figurado e metafórico das palavras, característica que conferem mais expressividade a esse tipo de texto.

1.1.2 – Breve histórico da literatura infantil

A fim de que consiga despertar o interesse da criança e despertar nela o encanto e o gosto pela leitura, a leitura de um texto literário deve ser prazerosa e ter o poder de despertar e aguçar a curiosidade da criança, ampliando nela o desejo de se envolver e procurar as inúmeras descobertas que o mundo literário pode lhe proporcionar.

Bettelheim é um dos autores que aborda ricamente os textos literários, mais precisamente os contos de fada em sua obra. No seu livro denominado “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, de 1980, Bettelheim esclarece porque os contos de fadas são tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de suas personalidades.

Dentre os textos literários estão os grandes clássicos da literatura infantil como Branca de Neve e os sete anões, Rapunzel, Cinderela, João e Maria, A Bela e a Fera, A Bela adormecida, etc. Todas essas obras são pautadas na imaginação, mas tem uma característica peculiar: elas se iniciam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade, como, por exemplo, a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre filha e madrasta em Branca de Neve e os sete anões.

Abramovich (1989, p. 121) também cita a importância de textos literários como os contos clássicos para crianças na educação infantil, afirmando que “esses contos são vividos por meio da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas, plantas sábias, etc. Eles partem de um problema vinculado à realidade (carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial e assim a busca de soluções, no plano da fantasia”. Na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras “mágicas”: fadas, anões, bruxas malvadas, príncipes encantados que despertam do sono eterno com um beijo. Outra peculiaridade é que, via de regra, a narrativa termina com um final feliz, onde “todos vivem felizes para sempre”, o que traz ainda mais encanto e torna o texto mais envolvente e emocionante.

Bettelheim (2002) analisou os contos de fadas quanto à sua importância para o desenvolvimento psicológico das crianças e escolheu alguns contos para ilustrar suas ideias, as quais se baseiam na teoria psicanalítica freudiana. Diz, ainda, Bettelheim (2002):

Esses contos (referindo-se especificamente aos contos de Perrault), quando éramos crianças, nos introduziram num universo encantado cuja admirável magia nos permitiu dar impulso à nossa imaginação cada vez que as dificuldades da vida real ameaçavam nos abater, o que era frequentemente o caso”... “as esperanças, mantidas pelos contos de fadas, nos permitiam superar corajosamente as adversidades, fossem elas reais ou imaginárias”... se tivéssemos ficado por conta própria, nossos sonhos seriam limitados por imagens de cólera e vingança, por satisfações que teriam sido limitadas ao campo muito restrito de nossa

experiência. Os contos de fadas graças à sua imensa variedade de acontecimentos e situações, graças às suas ricas - e muitas vezes ricas demais - descrições de prazeres, nos permitiram tecer à sua imagem fantasias otimistas que nos arrancavam de um mundo no qual nós estaríamos bem mais descontentes de habitar (p.7).

Alguns textos literários, como os contos de fadas são, ao mesmo tempo, antigos e modernos. Antigos, porque os sempre foram transmitidos por tradição oral, e são, por isso, tão antigos como qualquer outro tipo de invenção literária, mas também tão modernos quanto outros gêneros literários, pois continuam a ser criados até hoje.

A fantasia é uma das principais características desse tipo de texto literário. Os contos de fada têm esse componente em razão de facilitar a compreensão das crianças, uma vez que se aproxima mais da maneira como elas veem o mundo.

Por meio de histórias fantásticas, as crianças são capazes de se identificar com os personagens, expressar seus sentimentos, angústias e necessidades infantis e resolver conflitos psicológicos de acordo com a fase de desenvolvimento que estão passando. Por essa razão, Abramovich (1989), acentua

Ler histórias para a criança é divertir com ela, é estimular-lhes a imaginação, chegar à resposta de questões, é levá-las a adquirir novas ideias, por intermédio dos personagens, identificar com eles de acordo com a situação em que está a criança e assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (p. 17).

Os textos da literatura infantil são um caminho que leva a criança a desenvolver a sua imaginação, suas emoções e seus sentimentos de forma prazerosa e significativa, por isso, no processo de formação da criança na educação infantil é absolutamente necessário incentivar a prática da leitura. É nessa fase da vida que inicia a formação como leitores de forma saudável, que contribui de forma extremamente significativa para o crescimento intelectual da criança, em diversos outros aspectos fundamentais do seu desenvolvimento.

A forma mais comum de contato da criança com os textos literários é a exposição oral, ou seja, a leitura ou a contação de história por parte de um adulto, seja esse adulto o professor, seus pais, seus familiares, etc.

As histórias reais são fundamentais também e podem ser contadas e se constituem em textos literários capazes de contribuir muito para o desenvolvimento da criança, pois permitem que ela estabeleça a sua identidade, compreenda melhor as relações familiares. Além disso a criança interage com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra-se de fatos que

passaram despercebidos pelo contador, o que representa um bom exercício de criatividade e de memória.

Outro fator que reveste o emprego de textos literários na formação de crianças no ensino fundamental é o vínculo afetivo que se estabelece entre o professor e a criança. Contar e ouvir uma história é uma forma de compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

Por meio da literatura infantil pode-se fazer com que as crianças desenvolvam seu interesse pela aprendizagem da leitura, tendo em vista que é por meio de lúdico e através de histórias fantásticas, que as crianças são capazes de se identificar com os personagens, expressar seus sentimentos, portanto o contato com os contos de fadas possibilitará a criança o ensaio de vários papéis sociais, proporcionando a construção de uma personalidade sadia, bem como, promover a socialização, a troca de experiência e uma maior inserção no grupo social. Promover, também, o desenvolvimento da imaginação, da criação, e da percepção de mundo, a partir das possíveis interpretações dos contos de fada.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vigotsky (1992, p.128) caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário e inseparável do pensamento realista”. Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade, segundo aponta Vigotsky (1992), “o afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece” (p. 129).

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitos pais acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros, portanto não precisa ter contato com eles. O que se percebe é bem ao contrário. Segundo Sandroni e Machado (2000)

A criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer. As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as (p. 12)

A criança precisa de um estímulo para facilitar na sua aprendizagem, e nos contos de fadas, não tem nada melhor para que essa questão possa ser desenvolvida. A criança poderá se comunicar, exteriorizar sua vida e impulsionar seus pensamentos. Nesse

período, ela transforma o mundo real em função de seus desejos e fantasias. Posteriormente, utiliza essas fantasias como referencial para aplicar à sua realidade, à sua própria atividade, ao seu eu e às suas leis morais.

A literatura infantil como se pode inferir a partir da própria nomenclatura é a literatura especificamente desenvolvida para a criança. Pode-se dizer que é um ramo, uma vertente da literatura geral que tem como característica principal a escrita direcionada para as crianças, ou seja, para o público infantil, cujas obras trazem conteúdos com capacidade de ajudar o ser humano a compreender e resolver seus conflitos internos, além de lapidar o seu imaginário. Corroborando com essa ideia, Cademartori, (1986, p. 34) diz que “a Literatura Infantil é a literatura destinada à criança, que tem como objetivo principal oferecer-lhe, por meio do fictício e da fantasia, padrões para interpretar o mundo e desenvolver seus próprios conceitos”.

Alguns historiadores apontam que desde a Idade Média, a literatura infantil já era uma realidade. A maioria dos historiadores, no entanto, acreditam e apontam de forma oficial que ela teve origem na Europa, fruto de transformações sociais motivadas pela revolução industrial, assim, é universalmente aceito que a literatura infantil surgiu no século XVII, num período de profundas transformações e de grandes contradições sociais.

A França vivia o momento seguinte à Fronde, um movimento popular que se opunha fortemente ao governo absolutista imposto pelo rei Luís XIV. Era também uma época marcada pelo conflito entre os movimentos da Reforma e da Contra-Reforma e a toda essa efervescência social e cultural somava-se a ascensão da burguesia como classe social, além do fato do trabalho infantil fora abolido e as crianças retiradas das indústrias o que contribuía de forma decisiva para a consolidação de instituições como a família e a escola.

Nesse cenário, essa nova modalidade da literatura nasce objetivando de forma precípua de educar moralmente as crianças, demarcando claramente o que é o bem e o mal, e apontando que o bem deve ser aprendido e o mal, desprezado. Esse maniqueísmo permeou as obras da literatura infantil desde a sua gênese e caracteriza a maioria dos contos de fadas e as fábulas.

Não obstante ao fato de já existirem manuscritos destinados às crianças, como tratados de pedagogia escritos com fins religiosos pelos protestantes; a literatura pedagógica, na cultura erudita e a literatura oral, de vertente popular, o francês Charles Perrault (1628-1703) é considerado o pioneiro da literatura infantil por coletar narrativas populares e lendas da Idade Média e adaptá-las, retirando de seu conteúdo passagens obscenas e de teor incestuoso, atribuindo-lhes valores comportamentais da classe burguesa, originando o que passou a ser conhecido como “contos de fadas”.

Em 1697, Perrault passou a se dedicar inteiramente à literatura destinada à criança e pública “Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mãe Gansa”. Na esteira dessa publicação sucedem-se diversas publicações e histórias como A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar ganha forma editorial.

Apesar do pioneirismo de Perrault, outros personagens, contribuíram muito para a origem da literatura infantil. Dentre esses personagens merecem destaque os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que, na Alemanha, no século XIX, realizaram coletaram de contos e transformaram em literatura infantil. Sobre a literatura infantil dos Irmãos Grimm, destaca Coelho (1998):

Entre os mais conhecidos dos contos dos irmãos Grimm, traduzidos para a língua portuguesa, estão: A bela adormecida, Os músicos de Bremen, Os sete anões e a branca de neve, O chapeuzinho vermelho e A gata borralheira (p. 74).

A história da literatura infantil segue e surgem outras figuras exponenciais, cujos nomes e principais obras são destacados por Cademartori (1986):

[...] O dinamarquês Hans Christian Andersen (O patinho feio, O soldadinho de chumbo); o italiano Collodi (Pinóquio); o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz) e o escocês James Barrie (Peter Pan). (p. 51).

Dentre as histórias consideradas adequadas à infância destacam-se ainda As Fábulas, de La Fontaine, editadas entre os anos de 1668 e 1694; As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, que foram lançadas postumamente em 1717; as adaptações de Robinson Crusóe (1719), de Daniel Defoe e finalmente, as viagens de Gulliver (1726), de Jonathan Swift. A literatura infantil trilhou um longo caminho e sua história continua, sendo que obras clássicas tem espaço e ganham destaque até os dias atuais hoje e continuam divertindo, enriquecendo o imaginário e contribuindo para a educação das crianças.

1.1.3 – A literatura infantil no Brasil

A literatura infantil praticamente inexistia no Brasil até a chegada de D. João VI ao país. Até esse momento da história a leitura das crianças da colônia se restringia textos escritos por pedagogos com intenções didáticas ou moralizantes. Com a chegada de D. João VI foi

implantada a imprensa Régia, precisamente no ano de 1808 e somente a partir desse fato é que se pode falar no surgimento da literatura infantil no Brasil.

Nos primeiros momentos da literatura infantil no Brasil as publicações se restringiam às traduções e adaptações de obras portuguesas. Alberto Figueiredo Pimentel, cronista do jornal Gazeta de Notícias, é um dos primeiros autores da época a fazer essas adaptações. Ele fica conhecido e ganha fama pela coleção Biblioteca Infantil Quaresma, que faz circular entre a infância brasileira, através da inserção das traduções dos contos europeus de Perrault, dos irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen em obras como “Contos da carochinha”, “Histórias da avozinha” e “Histórias da baratinha”. Posteriormente, em 1915, o educador Arnaldo de Oliveira Barreto se torna diretor da Editora Melhoramentos, que lança sua Biblioteca Infantil, cujo primeiro volume é dedica a tradução da Obra O patinho feio, de Hans Christian Andersen.

Somente na segunda década do século XX é que surge uma literatura infantil verdadeiramente brasileira, superando a predominância da tradução de obras europeias que marcava a história da literatura infantil no país até aquele momento.

A história da literatura infantil brasileira desde o seu surgimento até o início da década de 1980 pode ser dividida em quatro períodos, ou fases distintas.

1.1.4 – Primeira fase: Final do século XIX até 1920

A primeira fase da história da literatura infantil brasileira, conforme destaca Becker, (2001):

Compreende o final do século XIX e início do século XX. A preocupação nesse momento era com a modernização do país e a escola era uma das responsáveis por alcançar esses objetivos além de incentivar valores patrióticos, principalmente nas crianças. Permeável às solicitações da sociedade, a literatura infantil integrou-se aos esforços de instalação da cultura nacional, vinculada à escola e à valorização do nacionalismo. Além disso, obras estrangeiras foram traduzidas e adaptadas para o público infantil brasileiro, porém sérios problemas surgem devido às expressões utilizadas e o afastamento da vivência dos brasileiros em relação aos europeus (p. 34)

Não havia, portanto, uma literatura infantil brasileira. O que havia eram adaptações de obras estrangeiras com traduções que eram feitas sem os devidos cuidados no sentido de corrigir distorções entre a língua portuguesa de Portugal e a língua portuguesa do Brasil, que, desde aquela época tem grandes diferenças entre si.

Os primeiros momentos da literatura infantil brasileira têm no paulista José Bento Monteiro Lobato sua grande figura, pois os primeiros registros de uma literatura infantil

genuinamente brasileira surgem através da publicação de suas obras. Segundo aponta Aguiar, (2001):

A grande virada ocorreu com a publicação, em 1920, de *A menina do narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato, o qual revela a preocupação em escrever histórias para a criança numa linguagem compreensível e atraente para ela, objetivo plenamente alcançado pelo autor, cuja obra é um dos pontos mais altos da literatura infantil brasileira. Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador. (p. 25).

Sobre a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira, acrescenta Becker (2001):

Foi através de suas obras que a linguagem dos personagens se aproximou à linguagem do povo brasileiro. Com isso surgiram novas publicações direcionadas para o público infanto-juvenil. Os seus textos privilegiam o espaço rural no qual o espírito nacionalista predominava. (p. 35)

Monteiro Lobato, que por não ser adepto das traduções das obras europeias e ser um ardoroso nacionalista publica, no ano de 1920, a obra “*A menina do Narizinho arrebitado*”, que depois viria a ser rebatizado com o título de “*Reinações de Narizinho*”. Essas obras foram mais do que suficientes para transformar o escritor paulista no grande numa espécie de pai da literatura infantil brasileira e seu principal nome.

Na sua obra Monteiro Lobato desenvolveu aventuras com características culturais típicas do Brasil, integrando costumes do campo e lendas do folclore nacional para as crianças brasileiras.

A obra da literatura infantil de Lobato tem como principal característica uma forte ligação com as questões sociais de sua época. Sua inquietação e com os problemas de nossa sociedade brasileira naquela época o levaram a desenvolver um olhar crítico e transparente da realidade de nosso país e a transmitir essa inconformidade em suas obras.

Dentre as mais importantes e mais conhecidas obras de Monteiro Lobato estão: *A menina do narizinho arrebitado*, *Reinações de Narizinho*, *Fábulas de Narizinho*, *Emília no país da gramática*, *Memórias de Emília*, *Jeca Tatuzinho*, entre tantas outras.

Na maioria das histórias narradas nas obras infantis de Lobato o cenário é o Sítio do Pica pau Amarelo e os personagens são figuras consagradas como Dona Benta, seus netos Pedrinho e Narizinho, Tia Nastácia, boneca Emília, Visconde de Sabugosa, o porco Rabicó, o rinoceronte Quindim, a Cuca, o Saci Pererê, Tio Barnabé, entre outros.

1.1.5 – Segunda fase: 1920 até 1945

Na segunda fase, que vai de 1920 até 1945, o Brasil vivia uma época de diversos conflitos buscava melhorar sua situação educacional e criar uma identidade cultural. Sobre o cenário da segunda fase da história de literatura infantil brasileira, Becker (2001) discorre:

Caracteriza-se como uma época de muitos conflitos, entre eles a situação da educação. O índice de analfabetismo estava muito alto e isso fazia com que o Brasil se caracterizasse como um país atrasado, para reverter esse quadro se propôs uma reforma educacional, criando-se a Escola Nova, na qual se propunha um ensino intelectual e pragmático. Inovações artísticas também foram marcantes nesse período, principalmente com a Semana de Arte Moderna de 1922 (p. 37)

Ainda nessa segunda fase o folclore representa uma fonte importante para revelar um mundo com características bem brasileiras nos textos infantis, todavia, não obstante a isso, o caráter pedagógico ainda imperava em algumas obras, o que se deve ao fato de que havia a ideia de que mudar a mentalidade das crianças era uma possibilidade de avanço do país, colocando-o em pé de igualdade com os países desenvolvidos.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, o Brasil entrou numa fase de grande desenvolvimento, o que gerou um significativo aumento da demanda social por educação, o que provocou avanços, mas deixou como legado a necessária política nacional de educação.

1.1.6 – Terceira fase: as décadas de 1950 e 1960

A terceira fase tem como características marcantes o período de democracia que o país viveu nas décadas de 1950 e 1960, até o golpe militar de 1964 e o momento de retrocesso na literatura infantil brasileira, no que diz respeito à criatividade. O modelo de literatura influenciado pela obra de Monteiro Lobato foi repetido de forma exaustiva e a grande maioria das obras desse período, são marcadas pela incorporação de procedimentos da indústria de massa e cultural, incrementadas a partir da década de 1950.

Em termos de educação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1961 põe fim ao período de vigência da Reforma de Capanema.

Nesse momento surgem os movimentos de educação popular que visavam reduzir os elevados índices de analfabetismo verificados no país.

Desde o seu início a década de 1960 foi turbulenta em termos políticos no Brasil. Em 1961 o presidente Jânio Quadros renunciou ao mandato e seu vice-presidente, João Goulart, assume o comando do país. Jango, como era conhecido defendeu medidas consideradas de esquerda para a

então política brasileira e seu perfil logo preocupou as elites que começaram uma série de ações que enfraqueceram seu governo e que posteriormente culminaram com a deposição de Jango e a tomada do poder pelos militares, em 31 de março de 1964.

Sobre a influência do golpe militar para a literatura infantil brasileira, aponta Becker (2001):

Com o golpe militar de 1964 e cultura brasileira ficou prejudicada, a literatura infantil passou a ter um caráter conservador: os temas e o ambiente por ela explorados privilegiam a agricultura, além do caráter patriótico (p. 38)

O terceiro período foi o menos profícuo da história da literatura infantil brasileira e mesmo não podendo ser considerado como um período de crise, não houveram avanços significativos e imperou a estagnação da produção e a repetição do modelo já consagrado, além da subserviência da produção cultural à dominação ideológica do regime autoritário.

1.1.7 – Quarta fase: 1970 até 1980

As décadas de 1970 e 1980 marcaram importante *boom* da literatura infantil brasileira. Essa fase foi marcada por profundas transformações e surge um novo jeito de escrever livros destinados para as crianças. As narrativas se tornam mais questionadoras, os autores passam a experimentar novas linguagens e as obras passam a ser ricamente ilustradas, com os desenhos que contando as histórias de forma paralelas ao texto.

Sobre esse importante e rico momento vivido pela literatura infantil brasileira, discorre Becker (2001):

O número de autores e obras aumentou, a linguagem e o ambiente das histórias estavam mais próximos do cotidiano e da realidade dos brasileiros. Recuperou-se o folclore oral representado pela abordagem das modinhas infantis, canções de ninar e das brincadeiras de roda (p. 40).

Dentre os escritores que surgiram nesse período e que ganharam destaque pela grande qualidade e sucesso de suas obras, pode-se destacar nomes como o de: Ana Maria Machado (Avental que o vento leva; ABC do Brasil; Ah, Cambaxirra, se eu pudesse...), Fanny Abramovich (Brincando de antigamente), Lygia Bojunga (Sofá estampado; A bolsa amarela; A casa da Madrinha; Retratos de Carolina), Marina Colasanti (O menino que achou uma estrela; O lobo e o carneiro; Uma ideia toda azul; Minha ilha maravilha; Cada bicho seu capricho), Sylvia Orthof (A rainha rabiscada; Uxa ora fada ora bruxa; Avoada: a sereia voadora; Se as coisas fossem mães), Ricardo Azevedo (No meio da noite escura tem um pé de maravilha; Contos de adivinhação; Um homem no sótão; Histórias de bobos, bocós, burraldos e

paspalhões; Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais), Ruth Rocha (A árvore de Beto; Nicolau tinha uma ideia; O reizinho mandão; Marcelo, Marmelo, Martelo; O que os olhos não veem; O rei que não sabia de nada; Quem tem medo de quê?), Tatiana Belinky (O grande rabanete; Para encher linguíça; Rimandinho; Saladinha de queixas; A cesta de Dona Maricota; Assim, sim!), Ziraldo (O menino Maluquinho; A bela Borboleta; O menino mais bonito do mundo), Eva Furnari (A bruxinha atrapalhada; O amigo da bruxinha; Assim assado; Você troca?; Amendoim), Ganymédes José (Amarelinho; Vivi Pimenta; Galinha Manduca), além de diversos outros nomes de importância no contexto da produção literária voltada para o público infantil no país.

Desde a década de 1980 a literatura infantil brasileira vem evoluindo em termos de qualidade e se tornando cada vez mais rica e diversificada, com produções de boa qualidade.

Algumas características como os contos de fada persistem nessa produção literária, todavia com um enfoque mais moderno com preocupações ecológicas como a preservação do meio ambiente e a proteção aos animais.

A produção contemporânea do gênero é abundante em nosso país, oferecendo ao nosso pequeno leitor um material rico e diversificado, que o convida a embarcar numa viagem de ludismo, fantasia e sonho, despertando-lhe o gosto pela leitura, conforme destaca Frantz (2001):

Ao mesmo tempo em que a criança ri, sonha e se diverte com a literatura atual, esta também não se omite de convidá-la a olhar ao seu redor e refletir sobre o que está acontecendo, bem como fazia o precursor Monteiro Lobato (p. 71)

A qualidade estética que reveste as produções da literatura infantil brasileira nas últimas três décadas a constitui num valioso recurso que permite ao professor a possibilidade de apresentar o mundo mágico da literatura como suporte para as atividades de alfabetização e para a formação de futuros leitores.

1.2 – A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A razão da existência da escola enquanto instituição social é a disseminação do conhecimento, ou seja, a escola é o local onde se praticam ações pedagógicas que tem por objetivo o ensino de conhecimentos e a vivência de experiências que produzam aprendizagens.

Dentre as aprendizagens que a escola pode produzir, sem sombra de dúvidas está a leitura. Aliás, é consenso entre a maioria dos pais que a função primeira da escola é a de ensinar a ler a escrever.

Sobre a importância da leitura como facilitador da aprendizagem e do crescimento intelectual da criança, Zilberman (1984), ressalta que deve iniciar bem cedo, tendo como um dos principais recursos o hábito de contar histórias para a criança, mesmo antes do seu ingresso na escola. Dar às crianças a oportunidade de ter contato com o mundo das histórias é dar a elas a oportunidade de ter maior facilidade de futuramente passarem com sucesso pelo processo de alfabetização, uma vez que, com as histórias as crianças se familiarizam com o mundo das letras e desenvolve a vontade de decifrá-las. Nesse particular, afirma Zilberman (1984):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica (p. 107)

Muito embora o ensino de leitura não seja um dos objetivos principais da educação infantil, parece bastante pertinente discutir os conceitos de aprendizagem, leitura, escrita e alfabetização e letramento, antes de abordar a leitura na educação infantil, a partir dos textos literários.

1.2.1 – O conceito de aprendizagem

Usando uma terminologia bem próxima do que aquela própria dos dicionários, pode-se dizer que aprendizagem é o ato ou efeito de aprender.

A aprendizagem, todavia, é um fenômeno que faz parte da pedagogia e, como tal é um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, possibilitado através do estudo, do ensino ou da experiência. Assim, aprendizagem significa uma modificação de comportamento do indivíduo em função das experiências vivenciadas.

Oliveira (1993) define a aprendizagem como:

Aprendizagem é o processo pelo qual o sujeito adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc. a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente e com as outras pessoas (p. 57)

Aprendizagem então se relaciona à vontade de aprender e pode ser considerada como a retenção de informações, conhecimentos ou habilidades na memória por meio de escolarização, treino ou estudo.

1.2.2 – Aprendizagem da leitura e da escrita

Aprender a ler e a escrever é uma necessidade indispensável para a vida em sociedade e para o pleno exercício da cidadania. A leitura e a escrita formam um binômio basilar para a formação intelectual do indivíduo e a importância da aquisição das habilidades de leitura e escrita remonta a civilizações antigas que as consideravam a base para a formação e desenvolvimento da pessoa, conforme afirma Martins (1994):

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas: possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à dos senhores, dos homens livres (p. 22)

Atualmente os pais dão grande importância ao fato dos filhos aprenderem a ler e escrever, o que ocorre por diversos motivos. Dentre esses motivos pode-se destacar que a sociedade passa a ideia de que é importante aprender a ler, porque o domínio da habilidade de ler é condição indispensável para a ascensão a novos graus de ensino e da sociedade. A leitura e a escrita são a base de uma formação que pode levar a uma trajetória bem sucedida, cujo ponto de chegada é a realização pessoal e econômica.

1.2.3 – O conceito de leitura

Antes de iniciar a tentativa de apresentar conceitos suficientes para a compreensão do que é leitura, mister se faz apontar a grande importância de ser leitor, ancorados no que diz Abramovich, (1993):

[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (p. 16)

Um conceito simples, mas bastante aceito é o dado por Ferreira (2002) que afirma que ler em definições gerais é decifrar e interpretar o sentido de algo. Para compreender esse conceito não se pode perder de vista o entendimento de que leitura nada mais é do que a arte ou o hábito de ler.

A definição dada por Ferreira (2002), no entanto, restringe a leitura à decodificação de um texto escrito, e atualmente se tem claro que a leitura pode ser de um texto escrito, mas pode ir muito além disso, sendo a decodificação de uma imagem, de um símbolo, etc. também podem, e são consideradas formas de leitura. Essa visão reducionista que restringe o objeto da leitura ao texto escrito, porém, não a desqualifica e segundo afirma Martins, (1994):

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. (p. 22)

Na busca por ampliar esse conceito, pode-se dizer que a leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais próprias do homem. Nessa perspectiva de conferir à leitura uma dimensão mais abrangente, Brandão e Micheletti, (2002), afirmam que:

A leitura é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. (p. 9)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, (PCN, 2001) apresentam a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (p. 53)

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, (PCN, 2001), criados para nortear as práticas pedagógicas no país, a leitura pode ser entendida como:

A leitura não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (p. 53)

A proficiência das definições e conceitos dão mostra da importância e da complexidade do termo. O ato de ler é um processo abrangente e completo. Ler é um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular: a capacidade de interação com o outro através das palavras, palavras estas que por sua vez não podem estar desvinculadas de um contexto, conforme acentua Souza (1992):

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (p. 22)

À luz de todas essas definições, pode-se depreender que ler não é meramente decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos. Ler é um ato que supera em muito essa atitude passiva e alienada.

O ato de ler não deve se resumir a decifrar caracteres, distinguir símbolos e sinais, unir letras e emitir sons correspondentes: isso é, o trabalho de discriminação visual e auditiva que precede a leitura propriamente dita.

Ler é muito mais do que decifrar, é interpretar a mensagem, atribuir a ela uma vivência pessoal e interiorizá-la. A leitura faz parte da rotina diária do indivíduo e no caso específico da criança ela não espera receber instruções de outra pessoa para iniciá-la. Placas, letreiros, programas de TV, embalagens, marcas, títulos e todos os objetos constantes no seu dia-a-dia transmitem uma significação própria e se tornam tão familiares que sua leitura é espontânea, podendo ocorrer muito antes da decifração dos códigos. Assim, a leitura é uma ferramenta de descoberta, de interação, de compreensão de si e do mundo. O objetivo da leitura é o que lhe confere sentido e valor.

1.2.4 – O conceito de escrita

Pode-se entender a escrita como a ação ou o efeito de escrever. Escrever é representar as palavras, ideias ou símbolos com letras ou outros sinais traçados em papel ou em outra

superfície. Ampliando esse conceito pode-se afirmar que a escrita é um sistema de representação gráfica de uma língua, por meio de sinais gravados ou desenhados num suporte. Essa representação na verdade é algo mais complexo. Na verdade pode-se dizer que a fala é uma forma de representação das ideias e a escrita é a representação da fala. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que a escrita é, então, a representação da fala por meio de símbolos gráficos.

No início da história da construção dos códigos escritos foram criados os pictogramas, ou sistemas pictográficos. Inicialmente os sistemas pictográficos não tinham relação com a fala, mas ao longo de sua evolução passaram a representar a fala e se desenvolveram em escritas logográfico-silábicas e essas escritas deram se constituíram na base da escrita alfabética que são a base da comunicação escrita do mundo moderno.

1.2.5 – Alfabetização

De forma bastante objetiva pode-se dizer que a alfabetização é o processo de aquisição da leitura e da escrita, ou seja, é o processo que se refere aos atos de ensinar e/ou de aprender a ler e a escrever.

A alfabetização é um processo inerente à prática educativa levada a efeito na escola, conforme acentua Tfouni (1988):

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal (p. 9)

Mesmo sendo objeto da ação educativa da escola, a alfabetização não ocorre apenas nesse espaço, tampouco precisa necessariamente ser iniciado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Muito se discute sobre o ensino de leitura e escrita na Educação Infantil. Existem correntes de pensamento que defendem a ideia de que nos primeiros anos de escolarização as crianças precisam apenas passar por experiências de socialização e vivências atividades lúdicas, por considerar que, nesse momento de suas vidas, ainda não estão maduras o suficiente para serem alfabetizadas, deixando a alfabetização para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Sobre esse particular, declara Soares (2009):

Até muito recentemente, assumia-se que a criança só poderia dar início ao seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita em determinada idade e, por conseguinte, em determinado de sua educação institucionalizada: entre nós, no Brasil, aos 7 anos, idade de ingresso no primeiro ano do ensino fundamental (p. 1)

É fato que a alfabetização não é o objetivo principal da Educação Infantil e também é fato que a idade considerada propícia para o seu início é entre os seis e os sete anos, podendo durar dois anos ou mais, de acordo com as necessidades e especificidades de cada aluno, turma ou localidade. Nesse sentido, o governo federal, os governos estaduais e dos municípios assumiram o compromisso formal de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Esse compromisso foi sacramentando pela aprovação no senado da Medida Provisória 586/2012 ficou conhecido como PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

De acordo com o PNAIC (2012) aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012), quatro princípios centrais serão considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico:

- 1.º – O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
- 2.º – o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
- 3.º – conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
- 4.º – a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem (p. 3)

Nessa perspectiva a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Esse tipo de formação transcende o limitado conceito de alfabetização

e se aproxima no conceito de letramento. Dentro da visão atual a associação dos termos é de fundamental importância, pois a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente através dos dois processos: a alfabetização, que é a aquisição do sistema convencional de escrita e o letramento, que pode ser entendido como o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

1.2.6 – Alfabetização e letramento

O termo alfabetização é bastante conhecido por parte das pessoas. Tendo formação pedagógica ou não, é parte do ideário comum que alfabetizar significa ensinar a ler e a escrever. Na busca de um conceito formal sobre alfabetização pode-se fazer referência ao que diz Val (2006):

Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita (p. 19)

Leite (2001) procurando dar consistência à definição do termo alfabetização diz:

A alfabetização é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola (p. 66)

Para quem tem conhecimento sobre a história e as teorias da educação, no entanto, a alfabetização é um conceito levado para as salas de aula no Brasil desde o século XIX, sendo considerada naquela época como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”. A alfabetização historicamente ocorreu por meio de diferentes métodos. Esses métodos de alfabetização se dividem em duas vertentes, os métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) e os métodos analíticos (global), que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os métodos sintéticos: soletração, silabação, método fônico, método da abelhinha e o da casinha feliz tem como objetivo que o aluno se torne alfabetizado a partir da decodificação dos sons que as letras têm, ou seja, o grafema fonema. Esses métodos sintéticos vão da soletração para à consciência fonológica, numa sequência hierarquizada que vai da letra, passando pela sílaba, pela palavra, até chegar ao texto.

Os métodos analíticos ou globais visam alfabetizar a criança a partir de histórias ou orações, fazendo o caminho inverso dos métodos sintéticos, ou seja, partindo das orações para as letras. Esse método de alfabetização estimula a criança a desenvolver o gosto pela leitura, pois ela é ensinada a partir de histórias que lhe divertem, prendem a atenção e até mesmo a encantam. Dentre os métodos considerados globais se destacam os seguintes: métodos de conto, método ideovisual de Decroly, método natural Freinet, a metodologia de base linguística ou psicolinguística, etapas de uma unidade, alfabetização a partir de palavra-chave, método natural, síntese dos passos de aplicação e o método Paulo Freire.

A alfabetização através dos métodos sintéticos era feita por meio das chamadas Cartilhas, que logo se converteram nos livros didáticos da época. Nessas cartilhas predominavam as atividades com ênfase na repetição e na memorização de letras, sílabas e palavras sem contexto e sem significados.

Esse tipo de ensino da leitura e da escrita centrado no desenvolvimento das referidas habilidades levado a efeito através desse tipo de material pedagógico que priorizava a memorização de sílabas e/ou palavras e/ou frases soltas, passou a ser amplamente criticado a partir da década de 1980.

Surge a partir dos anos 1990, em oposição ao método de alfabetização centrado nas cartilhas tradicionais que eram cada vez mais ferozmente repudiados pela crítica que os acusava de produzir os chamados “analfabetos funcionais”, ou seja, pessoas que liam (decodificavam) textos sem, contudo, conseguir compreender seus significados, o termo letramento, derivado do termo *literacy*, originário do inglês e cujo significado é “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever”.

Kleiman, (1995) define letramento como:

Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que

desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (p. 19)

Estabelecendo uma comparação entre alfabetização e letramento, Ribeiro (2003) esclarece que:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (p. 91).

Conforme se observa nas definições apresentadas, o novo termo não extingue a nomenclatura alfabetização, a bem da verdade os dois se associam, formando um novo conceito, mais amplo e complexo do que um ou outro isoladamente, razão pela qual não é sensato, tampouco correto desvincular alfabetização e letramento. Esse, aliás, é um grande equívoco porque, levando em conta as atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a inserção da criança, e até mesmo do adulto analfabeto no mundo da escrita ocorre de forma simultânea por meio desses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita, a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

Por fim, na esteira do que se pode depreender sobre os dois conceitos, fica evidenciado que alfabetização e letramento não são sinônimos, são termos que se completam para juntos atenderem aos objetivos previstos para as séries iniciais do Ensino Fundamental: a compreensão e o domínio da leitura e da escrita e a capacidade de fazer usos sociais das habilidades de ler e escrever, ou seja, são dois processos distintos que, dentro de suas especificidades, ocorrem de forma indissociável e interdependente, sendo a alfabetização é um processo de aprendizagem de habilidades necessárias para os atos de ler e escrever, e o letramento o estado ou a condição do sujeito que incorpora práticas sociais de leitura e escrita.

1.3 – IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

A literatura infantil é de grande importância para o desenvolvimento da criança como ser humano, pois contribui para a construção da sua personalidade, para o seu desenvolvimento intelectual, ético e estético da criança, pois auxilia na sua formação em relação a si mesma e ao

mundo à sua volta. A literatura infantil também contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Seus significados simbólicos facilitam a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social.

A literatura infantil pode ser um instrumento de motivação, ela tem a capacidade de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, capaz de compreender o contexto em que vive e atuar sobre ele. Por essas diversas razões, Frantz (2001), aponta que:

Por meio da literatura infantil, a criança descobre o mundo através da fantasia, lúdico, mágico e sonho, enriquecendo sua imaginação e despertando-lhe a liberdade de pensamento e a criatividade. Por meio dela, a criança estabelece uma relação de harmonia entre fantasia e realidade, facilitando a compreensão das coisas do mundo adulto e a resolução de conflitos internos. A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas (p. 16).

A literatura infantil abre para a criança as portas para o universo da imaginação, mesmo antes dela dominar a capacidade de leitura, ou seja, de adquirir as habilidades de decodificar os códigos linguísticos escritos.

A criança mesmo antes de passar pelo processo de alfabetização já possui a capacidade de ler, pois conforme acentua Freire (2001) a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior dessa não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Na realidade o autor quer explicitar é que mesmo antes de aprender a ler a palavra ou o texto escrito a criança já lê a realidade à sua volta.

1.3.1 – A importância de ouvir histórias

Antes mesmo de dominar a técnica de decifrar a escrita, a criança pode ser um leitor, através da audição da leitura feita por alguém, o que faz com que ela tenha conhecimento do texto, da história e faça sua interpretação da mesma, tirando suas conclusões, questionando, fazendo inferências, etc.

Contar histórias é uma atividade de caráter pedagógico que faz parte da maneira tradicional das gerações adultas educarem os mais jovens desde os primórdios da história. A chamada tradição oral é o meio que os povos das mais diversas nações, etnias e culturas repassam as tradições, costumes, lendas e os ensinamentos que julgam necessários para a formação das gerações mais novas.

O ouvir histórias é uma atividade agradável, é um acontecimento prazeroso que desperta interesse em pessoas de diferentes idades e exerce um fascínio todo especial sobre as crianças, pois despertar ainda sua intensa imaginação.

A narrativa é algo que faz parte da vida da criança desde a sua mais tenra idade, ou seja, desde que ainda é um bebê. O primeiro contato da criança com um texto é realizado de forma oral, através dos diversos tipos de história que lhe são contadas pelo pai, pela mãe, pelos avós.

Quando ouvem histórias as crianças passam a visualizar mais claramente seus sentimentos em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como sentimentos de inveja, de medo e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem sobre os mais diferentes temas ou assuntos, conforme destaca Abramovich, (1997)

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (p.17)

Assim, é importante assegurar uma vivência narrativa bastante rica para a criança desde os primeiros anos de sua vida. Essa vivência contribui para o desenvolvimento do pensamento lógico e também para o desenvolvimento de sua imaginação.

1.3.2 – A literatura infantil e o ensino da leitura

A prática pedagógica é permeada por intencionalidades e as ações educativas empreendidas em sala de aula devem ter objetivos claramente definidos e desenvolver o interesse pela leitura e promover a familiarização das crianças com a escrita é um dos principais objetivos preconizados para a educação infantil, conforme estabelecido no RCNEI – Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – Brasil (1998):

[...] Os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com os livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível, trabalhando conteúdos, que privilegiam a participação dos alunos em situações de leituras, de diferentes gêneros literários, feito pelos adultos como: contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc., propiciando momentos de reconto de histórias conhecidas, com aproximação, às características da história original, no que se refere à

descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor. (p.117).

A importância da literatura infantil, conforme se pode ver não está no ensino de leitura ou de escrita em si, mas na formação basilar do leitor, através do encanto com as narrativas e com o contato visual com a escrita e a percepção de que ela pode representar.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (BRASIL - RCNEI,1998) apresenta a leitura com uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento da criança dentro do processo de aprendizagem efetivamente levado a efeito na escola na educação infantil:

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever ((BRASIL - RCNEI,1998, p.117).

Para que a criança desenvolva a capacidade de se comunicar e se expressar é fundamental que a escola adote práticas que privilegiem o trabalho com linguagem oral e escrita, o que pode ser feito de forma bela e eficiente por meio do vasto cardápio oferecido pela literatura infantil.

1.3.3 – A literatura infantil e os estágios de aprendizagem da leitura

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por diferentes estágios psicológicos durante seu desenvolvimento. Essas etapas ou estágios não dependem exclusivamente de sua idade, dependem sim do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Nesse particular é importante que esses estágios sejam observados e respeitados no momento da escolha de livros para a criança, ou seja, é necessária que os livros sejam adequados às diversas etapas que a criança normalmente passa durante seu desenvolvimento.

Segundo aponta Coelho (2000), as fases do desenvolvimento psicológico da criança se dividem em cinco categorias: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico.

1.3.3.1 – Pré-leitor:

Nessa categoria se enquadram duas fases, a primeira e a segunda infância. Na primeira infância, que começa entre 15 e 17 meses e vai até os 3 anos. Nela a criança reconhece o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato. Essa fase é importante também por ser o período em que a criança experimenta a aquisição da linguagem. Ela se prende mais ao movimento, ao tom de voz, do que ao conteúdo que é contado. Nessa fase é importante estimular a criança oferecendo a ela brinquedos, fantoches e chocalhos musicais.

A segunda fase, a segunda infância, ocorre dos 3 aos 6 anos de idade. É a fase do egocentrismo e do interesse pela comunicação verbal. As crianças nessa fase de desenvolvimento gostam de ouvir repetidas vezes histórias rápidas, com mistérios e humor, onde existem poucos personagens e riqueza de gravuras coloridas.

1.3.3.2– Leitor iniciante

Compreende uma faixa etária que pode durar dos 6 aos 7 anos, anela a criança começa a aprender a decodificar os símbolos gráficos. Os livros considerados adequados para esta fase devem ter linguagem simples e uma estrutura bem definida com começo, meio e fim. Os livros devem ser ricamente ilustrados com predominância das imagens sobre o texto. Os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito devem ser ressaltados sempre e as personagens podem ser seres humanos, bichos ou robôs.

As histórias destinadas ao público dessa fase devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer e o sentir.

Indiferentemente de se utilizarem contos de fadas ou do mundo cotidiano, histórias engraçadas, ou que ilustrem a vitória do bem sobre o mal as leituras devem seduzir e encantar muito o leitor nesta fase.

1.3.3.3 – Leitor em processo

A criança nesta fase, a partir dos 8 ou 9 anos, está com seu pensamento mais desenvolvido, já consegue realizar operações mentais e já domina o mecanismo da leitura. O leitor desta fase tem grande atração por textos em que haja humor e situações inesperadas ou satíricas e se interessa pelo conhecimento de toda a natureza e pelos desafios que lhes são propostos.

O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos, estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva.

1.3.3.4 – Leitor fluente

Essa fase inicia-se a entre 10 e 11 anos de idade. Nela o leitor está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura e se tornando fluente. Sua capacidade de concentração é crescente e ele já possui a capacidade de compreender o mundo expresso no livro. Inicia-se o desenvolvimento do pensamento hipotético-dedutivo e adquire a capacidade de abstração.

Este estágio é também chamado de pré-adolescência e promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de ver-se como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os seus problemas sozinhos.

O leitor fluente é facilmente atraído por histórias que apresentem valores políticos e éticos, por heróis ou heroínas que lutam por um ideal. Esse leitor se identifica com textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, seja no grupo, equipe, entre outros. As imagens já não são indispensáveis, mas ainda são um elemento que exerce grande atração. Os contos, as novelas e as crônicas são gêneros narrativos que mais agradam a ao público dessa fase e os mitos e lendas, policiais, romances e aventuras são temas que despertam interesse seu interesse.

1.3.3.5 – Leitor crítico

Nesta fase que se inicia entre os 12 e 13 anos de idade há total o domínio da leitura e da linguagem escrita. Sua capacidade de reflexão aumenta ao ponto de permitir-lhe a intertextualização.

O pensamento reflexivo e a consciência crítica em relação ao mundo se desenvolvem gradativamente. Sentimentos como saber, fazer e poder são elementos que permeiam o adolescente.

O leitor crítico ainda se interessa pelos tipos de leitura da fase anterior, todavia, é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária.

A literatura infantil tem o poder de abrir as portas do universo da imaginação para as crianças. A prática da leitura deve ser estimulada e incentivada desde cedo pela família por meio das canções de ninar e da contação de histórias e na escola deve ser usada desde o primeiro dia de

aula, pois ela aumenta a proficiência da escrita e própria leitura, além de ser uma atividade lúdica que capaz de construir ligações entre o mundo da imaginação e o mundo da escrita.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo descrever a metodologia de pesquisa e os elementos como a abordagem de pesquisa, o contexto da pesquisa, os participantes, os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise de dados.

A opção foi pela abordagem qualitativa, que segundo definição dada por Neves (1996):

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. (p. 1)

Ainda sobre a abordagem qualitativa da pesquisa no campo das ciências sociais, Chizzotti (2003), acrescenta que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, buscando extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científica, os resultados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (p. 221).

Assim, a pesquisa constará de levantamento de informações sobre a temática escolhida, procurando compreender a realidade partir de uma perspectiva que leva em conta os aspectos qualitativos, ou seja, buscando explicitar a realidade com base em dados que não se baseiem meramente na frieza e exatidão dos números.

2.1 – Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Lilli Put, a única escola da rede municipal que ministra educação infantil na cidade. Essa escola possui quatro salas de aula, sendo uma de alvenaria e as demais de placas de muro, muito quentes e abafadas. Essa escola é, ainda, uma extensão da escola municipal Tancredo Ferreira Pinto, não tendo documentação própria. O mobiliário (cadeiras e mesinhas) é novo e adequado para a estatura das crianças que ali estudam.

A gestora, diretora e vice-diretora são as mesmas da Escola Municipal Tancredo Ferreira Pinto e dividem suas rotinas de trabalho entre a assim chamada matriz e a extensão. A escola atende a turmas de Jardim I e Jardim II e funciona nos turnos matutino e vespertino. O quadro de professoras mescla servidoras efetivas do município e servidoras comissionadas, que foram contratadas por indicação do chefe do poder executivo, sem a realização de qualquer tipo de processo de seleção.

2.2 – Participantes

Os participantes da pesquisa foram quatro professores que estavam atuando na educação infantil da escola, sendo três professoras e um professor.

Fato raro na educação infantil do município, a unidade escolar conta com um professor do sexo masculino, que é o mais jovem entre os pesquisados, mas tem o maior grau de formação, ele está cursando mestrado, cuja linha de pesquisa é a formação de professores. A média de idade do grupo pesquisado ficou 38,75 anos de idade, número este que matematicamente pode ser arredondado para 39 a fim de possibilitar melhor compreensão do dado numérico. Quanto a escolaridade três professores possuem curso superior completo, sendo duas licenciadas em Geografia e um licenciado em Pedagogia, a quarta pesquisada cursa o último período de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância. Ambos consideram que fazem parte da classe média e os salários do grupo pesquisado declarado por eles variam entre um salário mínimo de R\$ 768,00 e o máximo de R\$ 5.450,00

2.3 – Instrumentos de coleta de dados

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi um questionário para quatro professoras da unidade escolar. Para Ludke e André (1986, p. 34) “o questionário é um instrumento de pesquisa extremamente útil e pode permitir o aprofundamento de pontos levantados pelo investigador”.

O questionário usado na coleta de dados da pesquisa foi constituído de 08 (oito) questões abertas seguidas de um questionário socioeconômico. As questões visavam basicamente apurar a importância dada ao trabalho com leitura e o uso da literatura infantil na prática pedagógica com as crianças, bem como a frequência com que esse trabalho de leitura ocorria.

2.4 – Procedimentos de coleta de dados

O procedimento para coleta de dados foi relativamente simples. Definiu-se como critério para a escolha de quatro professores participantes, que no caso foram duas professoras com mais tempo e dois professores, sendo um professor e uma professora com menos tempo de atuação na unidade escolar. Após a definição de quais seriam os professores que responderiam os questionários. Eles foram convidados a participar da pesquisa, por meio da carta de apresentação (Apêndice A) e o Termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B).

Após a aceitação da participação da pesquisa, assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido, receberam o questionário e tiveram prazo de 05 (cinco) dias para responderem o instrumento, ficando combinado que os documentos respondidos seriam recolhidos na unidade escolar no fim prazo combinado.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Os dados coletados juntos às professoras pesquisadas levaram a obtenção de informações importantes sobre a realidade da prática da leitura de textos literários unidade escolar, bem como revelou a importância dada ao tema e as metodologias empregadas para leitura de textos com forma de auxiliar o ensino da leitura.

Antes de analisar as respostas dadas aos questionários é importante fazer uma breve caracterização socioeconômica do público pesquisado, uma vez que o conhecimento desses dados pode esclarecer possíveis dúvidas e levar a melhor compreensão de alguns posicionamentos e a adoção de determinadas posturas pedagógicas.

A fim de garantir o sigilo mesmo havendo um participante do sexo masculino, as respostas serão apresentadas como da “professora”, uma vez que havendo diferenciação de sexo, identifica-se o participante, o que fere ao direito do participante de ter sua identificação omitida nos dados da pesquisa. Nesta mesma perspectiva de resguardo da identidade dos pesquisados doravante os participantes serão chamadas de “pesquisadas”, não sendo a questão de gênero relevante para a análise das respostas dadas.

No que tange aos dados levantados através dos questionários respondidos pelas pesquisadas, segue nos quadros abaixo a transcrição literal das respostas dadas a cada uma das perguntas formuladas.

Quadro 1

Pergunta 1.0: Você costuma ler textos literários para as crianças de sua turma?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Sim. Toda sexta-feira.
Professora “B”	Sim, a leitura é muito importante.
Professora “C”	Sim. Eu sempre leio textos literários para os alunos e também indico livros interessantes e onde encontra-los.
Professora “D”	Sim, com frequência.

Quadro 2

Pergunta 1.1: Com que frequência lê textos literários para as crianças?	
Pesquisada	Resposta

Professora “A”	Toda sexta-feira após o recreio faço uma roda com as crianças para ouvir uma historinha, onde é lido um texto ou um livro por semana.
Professora “B”	Diariamente. Procuo dinamizar a leitura para que a mesma não se torne cansativa, fazendo com que as crianças percam o gosto pela mesma.
Professora “C”	Sempre que possível.
Professora “D”	Todos os dias eu leio um texto de um gênero diferente para que percebam para que percebam que ler é um exercício que precisa ser praticado diariamente.

Quadro 3

Pergunta 1.2: Que importância você acha que a leitura tem para a formação das crianças?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	A leitura de textos é importante porque ela abre a mente das crianças faz ela viajara no mundo da imaginação.
Professora “B”	A leitura é fundamental para a formação do indivíduo.
Professora “C”	Tem muita importância.
Professora “D”	É primordial.

Quadro 4

Pergunta 1.3: Que tipo de texto você lê para as crianças?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Contos e fábulas.
Professora “B”	Procuo variar os textos lidos. As vezes lemos textos jornalísticos, poéticos, fábulas e contos.
Professora “C”	Contos de fadas, crônicas, contos do folclore brasileiro, notícias.
Professora “D”	Textos divertidos, curiosos, informativos. Textos que despertem nos alunos o gosto pela leitura.

Quadro 5

Pergunta 1.4: Você acha importante despertar nas crianças o gosto pela leitura?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Sim. A criança tem que ter contato com os livros para aprender a tomar gosto pela leitura.
Professora “B”	Sim.
Professora “C”	Sim. Despertar o gosto pela leitura na infância é muito mais fácil do que na adolescência.

Professora “D”	Sim, pois a criança que adquire o hábito de ler se torna um adulto que sabe se expressar, capaz de cobrar seus direitos, de ser crítico.
----------------	--

Quadro 6

Pergunta 1.5: Você costuma usar a técnica de contação de histórias para as crianças?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Sim, no início de cada aula gosto de contar uma pequena história para as crianças.
Professora “B”	Sim. Procuo sempre contar histórias dramatizando-as para ficarem mais interessantes.
Professora “C”	Sim eu conto e as vezes estimulo eles a recontarem as história também.
Professora “D”	Sim. Toda estratégia é válida para despertar o interesse da criança pela leitura.

Quadro 7

Pergunta 1.6: A escola possui materiais que contribuam para a prática de leitura de textos literários para as crianças?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Sim, em cada sala tem o chamado “Cantinho da leitura”, no qual todos os livros são colocados. É propriedade da escola, mas as crianças podem leva-los sob a forma de empréstimo.
Professora “B”	Sim, contamos com o “Cantinho da leitura”.
Professora “C”	Sim.
Professora “D”	Muito poucos. Fica a na responsabilidade da professora ir atrás desses recursos.

Quadro 8

Pergunta 1.7: A equipe gestora apoia e incentiva a prática da leitura de textos literários para as crianças?	
Pesquisada	Resposta
Professora “A”	Sim, apoia. Além das ações individuais de cada professora em sala de aula, existe um projeto através do qual toda quarta-feira os livros são expostos no pátio para que os alunos tenham contato, se interessem, peguem livros emprestados e enquanto isso as professoras contam algumas histórias.
Professora “B”	Sim. A escola trabalha um projeto de leitura e exposição dos livros toda semana.
Professora “C”	Sim, sempre.
Professora “D”	Sempre.

Após a análise das respostas dadas pelas pesquisadas, ficou fácil inferir alguns fatos sobre a utilização de textos literários para a aprendizagem da leitura: a prática de leitura de

textos literários é comum a todas as professoras pesquisadas, diferindo apenas na periodicidade e na frequência em que esses momentos de leitura acontecem, sendo diário para algumas, semanal para outras; todas as professoras pesquisadas reconhecem a leitura de textos muito importante para a formação das crianças, conseguindo citar algumas das vantagens e contribuições para as crianças como leitoras; as professoras pesquisadas afirmam que consideram importante despertar o gosto das crianças para leitura e para atingir esse objetivo não se prendem a um único tipo de texto literário, adotando uma considerável diversidade de gêneros, dentre os quais se destacam são os contos de fadas e histórias infantis, as fábulas, as crônicas e até mesmos os textos jornalísticos, em muitos casos até fazendo uso de técnicas de contação de histórias, dramatizando-as para torná-las mais emocionantes e encantadoras e prender a atenção das crianças; a escola possui um acervo composto pelo que costumam chamar de “cantinho da leitura”, porém o acervo não é o bastante e por vezes as próprias professoras precisam ir atrás de outras alternativas e outros recursos para oferecer opções aos seus alunos.

A equipe gestora permite e apoia o trabalho com a leitura de textos literários na escola e a coordenação trabalha um projeto de estímulo à leitura que semanalmente expõe livros no pátio e os coloca à disposição para empréstimo enquanto as professoras fazem a leitura e a dramatização de histórias de obras constantes no acervo disponibilizado para as crianças.

Finalmente convém ressaltar que apesar das limitações quanto ao acervo e apesar de não haver práticas inovadoras a escola trabalha a leitura de textos literários e faz esse trabalho de forma satisfatória, sendo que as ações desenvolvidas podem ser suficientemente eficientes para contribuir com a aprendizagem da leitura e para a formação de novos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da leitura é fundamental para o desenvolvimento da criança e importante para seu posicionamento crítico e para o pleno exercício da cidadania. Ler um livro talvez não seja uma opção fácil para uma criança ou para um jovem nos dias atuais, pois o livro aparentemente se mostra sem vida, se comparado com os aparatos tecnológicos que oferecem jogos *on-line*, interatividade, muitas cores, emoção, etc. Todavia, quando aberto e lido o livro tem também o poder de encantar, de emocionar, de divertir, enfim a vida do livro é dada pelo leitor no seu contato com a leitura, na construção de imagens, na magia de fazer parte do texto, se emocionar com ele, criar expectativas sobre o desenrolar das histórias sobre o destino dos personagens, etc. Dentro dessa visão, o livro se mostra um recurso mágico, cheio de encantamentos e possibilidades, mas despertar o interesse das crianças para a leitura não é tarefa fácil e que se consegue de um dia para outro.

O professor precisa antes de tudo ser um leitor e manifestar gosto e encanto pela leitura para ter o poder de influenciar seus alunos. Devem ser usados textos diversificados, ricos em belas ilustrações, com tramas capazes de prender a atenção dos pequenos, despertando seu interesse, sua imaginação, sua curiosidade fascinando-os e emocionando-os.

Ler não se justifica apenas por ser uma atividade lúdica, não é meramente uma diversão. Ler é uma atividade que pode ser prazerosa e que tem o poder de contribuir para a formação das crianças, ajudando-as desenvolver o raciocínio, a capacidade de se expressar e de aprender cada vez mais.

Conclui-se enfim que a pesquisa respondeu ao seu objetivo geral que era analisar a prática docente das professoras da educação infantil de uma escola da rede pública municipal de Mozarlândia, investigando o trabalho desenvolvido com a leitura de textos literários para crianças da educação infantil, pois verificou através da análise dado coletados que a prática de leitura não está esquecida na escola pesquisada e que as professoras participantes, bem como a escola no geral incorporam a leitura no cotidiano escolar, dando importância à leitura de textos literários como uma prática capaz de contribuir para a aprendizagem da leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.) **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BECKER, Célia Dóris. **História da literatura infantil brasileira**. Porto Alegre: Melhoramentos, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: **Coletânea de textos didáticos**. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 3 ed. Brasília: 2001

_____. Medida provisória nº 586, de 08 de novembro de 2012. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 novembro de 2012. Seção 1, p. 29415.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, n. 16, p 221-236. Universidade do Minho, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios.

_____. **A literatura infantil: história, teoria e análise**. S.P: Moderna, 2000.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela B. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

LEITE, S. A. S. **Alfabetização e letramento – contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi/Arte Escrita, 2001.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARINHO, H. R. M. *et al.* **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade**. 2.ed, Curitiba: IBPEX, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. São Paulo: CPA, 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione: 1993.

RIBEIRO, Flávia. **Pequenos a bordo – Projetos que trabalham com crianças da pré-escola despertam o prazer da leitura ainda na fase da alfabetização**. São Paulo: Abril, 2003.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luíz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 37 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. 1.^a Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ZILBERMAN, Regina; **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Ática, 1984.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

No decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia procurei me aperfeiçoar no campo de atuação do pedagogo que está cada vez mais amplo e não mais restrito ao espaço da sala de aula tradicional, como pude ter o prazer de observar, portanto o profissional pedagogo pode atuar, também, em instituições prestadoras de serviços sociais que desenvolvem processos educativos nas áreas de saúde hospitalar, centros de saúde, recreação e lazer educação no trânsito (setor de planejamento urbano, transportes), educação social (ONGs, igrejas, entidades sociais), entre outras áreas que necessitem de competências na área da pedagogia. Percebo que minhas perspectivas estão cada vez mais voltadas para a qualificação e organizadas para atuarem em um cenário dinâmico e competitivo, assim, acredito que o novo perfil do Pedagogo precisa ser capaz de atuar situando sua prática em uma fundamentação clara, pertinente ao contexto do qual participa e que possa, por meio do desenvolvimento de suas competências, transformar a realidade social na qual atua.

Sendo assim Libâneo (2002, p.45) afirma que “o curso de pedagogia é o que forma o pedagogo stricto sensu, um profissional não diretamente docente que lida com fatos, estruturas [...], situações referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações negligenciando a atuação no campo extraescolar, sendo esse o espaço do pedagogo especialista”.

Diante disso, minhas expectativas sobre a Pedagogia abrangem todo o universo do ser humano, mas podemos resumidamente dizer que ela é a ciência que contribui para o desenvolvimento da capacidade humana, sendo assim o alicerce que dá suporte para a construção qualitativa do processo ensino aprendizagem em seus diversos segmentos da vida humana. Esse é um conceito simples e formulado de acordo com a experiência da prática educativa e também de acordo com as leituras feitas, porém ditas de forma simples e informal, sendo assim o Parecer e Resolução definem a base docente como indispensável na definição curricular. Ao longo do curso procurei meios e formas adequadas de conduzir meu crescimento pessoal e intelectual, capaz de realizar atividades nas quais busquei o aprendizado e o conhecimento fundamental, utilizando conceitos que estão presentes em meu dia a dia buscando referências teóricas que condizem com observações práticas no campo da pedagogia. Acredito que com a participação do PIBID no qual eu faço parte, veio me proporcionar a oportunidade de poder acompanhar de perto a realidade da sala de aula, no incentivando nesse processo de

ensino/aprendizado, e assim, possamos aprender mais para que no futuro, passaremos uma educação com mais qualidade aos nossos educandos.

Ao término do curso almejo ingressar profissionalmente no campo da atuação pedagógica e iniciar um processo de formação contínua, já pensando em uma especialização. Quero me qualificar cada vez mais para que eu possa atuar de forma consciente e que as práticas educativas que por mim forem desenvolvidas levem em conta o contexto de vida de meus alunos e que parta sempre dos seus conhecimentos e saberes para que haja desenvolvimento e aprendizagem significativa.

O pedagogo é um importante profissional que atua no desenvolvimento de atividades escolares e não escolares com direcionamento ao trabalho pedagógico e que necessita de uma formação aprofundada nas disciplinas que irão nortear suas práticas, bem como de clareza no campo de atuação para lidar com as diferentes situações pedagógicas.

Concluo que a partir desses conhecimentos adquiridos possa atuar de forma mais abrangente no campo Pedagógico, dando continuidade aos meus estudos através de uma pós-graduação em Psicopedagogia e uma especialização em Docência do Ensino Superior, pois é um campo que pretendo atuar. A formação em pedagogia me fez descobrir novos caminhos do conhecimento, antes de começar o curso eu tinha uma visão bem diferente da pedagogia pensava que ser pedagoga era só ser professora, mas ao longo desses longos anos de faculdade percebi que é muito mais do que eu pensava, que é muito além de ser meramente uma professora, que explica “matéria” é ser educadora, que passa tarefas no quadro e corrige cadernos mantendo sempre a sala de aula em ordem. Ser pedagoga e atuar de forma consciente é ser facilitadora da aprendizagem, é mediar a relação do aluno com o conhecimento, ou seja, é muito mais que ser transmissora do saber. Finalmente percebo que educar é um ato de amor. Educar é ter amor pela criança, pela educação, é ter amor pelo que faz e fazer de todo coração.

APÊNDICES

Apêndice A: Questionário para as professoras

QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DOS TEXTOS LITERÁRIOS.

Objetivo: Analisar a prática docente das professoras da educação infantil da rede pública municipal de Mozarlândia investigando o trabalho desenvolvido com a leitura de textos literários para crianças da educação infantil.

1.0. Você costuma ler textos literários para seus alunos?

1.1 Com que frequência você lê textos para seus alunos?

1.2 Que importância você acha que a leitura de textos tem para formação de seus alunos?

1.3 Que tipo de texto você lê para seus alunos?

1.4 Você acha importante despertar nas crianças o gosto pela leitura?

1.5 Você costuma usar a técnica de contação de histórias para seus alunos?

1.6 A escola possui materiais que contribuam para a prática de leitura de textos literários para os alunos?

1.7 A equipe gestora apoia e incentiva a prática de leitura de textos literários em sala de aula?

2 - Dados socioeconômicos

2.1 - Idade: _____anos

2.2 - Sexo

- Feminino
 Masculino

2.3 - Estado civil:

- Solteiro
 Casado
 Divorciado
 Viúvo
 Outros _____

2.4 - Nível Socioeconômico:

- Classe desfavorecida
 Classe baixa
 Classe média
 Classe média alta
 Classe alta

2.5 - Renda familiar:

- De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
 De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
 De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
 De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
 De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
 Acima de R\$ 10.901,00
 Acima de R\$ 20.000,00

2.6 – Escolarização

- Graduação em _____
 Especialização – cursando em _____
 Especialização – concluída em _____
 Mestrado – cursando em _____
 Mestrado – concluída em _____
 Mestrado – concluída em _____
 Doutorado

Outras observações:

--

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário.

APÊNDICE B: Carta de apresentação



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DOS TEXTOS LITERÁRIOS.

Prezado (a),

Sou estudante do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade de Brasília- Faculdade de Educação – Universidade Aberta do Brasil UnB-FE-UAB e para a obtenção do título de graduada em pedagogia estou realizando uma pesquisa sobre A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DOS TEXTOS LITERÁRIOS.

Em hipótese alguma você será identificado. Os dados aqui coletados serão usados apenas para fins acadêmicos.

Agradeço sua colaboração e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Luciana Ferreira Rodrigues
Graduanda em Pedagogia

APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e esclarecido – TCLE



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DOS TEXTOS LITERÁRIOS, cujo objetivo é analisar a prática docente das professoras da educação infantil da rede pública municipal de Mozarlândia investigando o trabalho desenvolvido com a leitura de textos literários para crianças da educação infantil.

O Projeto 5 fase 2 tem a orientação da Professora Doutora Norma Lucia Neris Queiroz da Universidade de Brasília- Faculdade de Educação- Curso de Pedagogia a Distância e da tutora Ana Cristina Rodrigues Pereira.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução N°. 466 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução PPGE UnB N°. 12 sobre Ética em Pesquisa em Educação. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os pesquisadores terão conhecimento dos dados.

O senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta pesquisa.

Nome

_____ de novembro de 2015.